

A FRAGA D'AIA (PAREDES DA BEIRA — S. JOÃO DA PESQUEIRA) — ARTE RUPESTRE E OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA

por

Vítor Oliveira Jorge
António Martinho Baptista
Maria de Jesus Sanches(*)

I — INTRODUÇÃO

Em trabalho anterior, os signatários, conjuntamente com outros arqueólogos, deram a conhecer a estação arqueológica da Fraga d'Aia nos seus aspectos essenciais¹. Assim, o presente texto visa apenas detalhar algumas das observações ali efectuadas pela nossa equipa, e apresentar diversos dados novos sob a forma de apêndices², em complemento do que já se encontra publicado. Tal não obsta a que ulteriormente voltemos ao assunto, quer em termos predominantemente analíticos, quer sobretudo visando uma síntese interpretativa de conjunto desta importante estação pré-histórica, que por ora cremos que seria ainda prematura³.

Recordemos que se trata de um abrigo granítico, com pinturas a vermelho e enchimento resultante de ocupações ante-históricas, sito na margem direita do rio Távora, na freguesia de Paredes da Beira, concelho de S. João da Pesqueira, distrito de Viseu (41° 3' 22" Lat. N.; 7° 29' 49" Long. W. Green.; altitude absoluta: 580m.).

* Este texto, embora da autoria dos signatários, não teria sido possível sem a colaboração de todos os subscritores da notícia preliminar citada na nota 1, tanto no momento dos trabalhos de campo, como em algumas tarefas posteriores; é justo destacar a participação de Susana O. Jorge na análise de cerâmicas, e de Margarida S. Silva em contactos com a autarquia.

¹ Vítor Oliveira Jorge *et alii*, O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira — S. João da Pesqueira) — Notícia preliminar, *Arqueologia*, nº 18, Dezembro 1988, pp. 109-130.

² A cujos autores agradecemos a sua colaboração.

³ Ainda não foi possível realizar uma última campanha de trabalhos, anunciada no nosso trabalho anterior (*op. cit.*, p. 111); estamos também à espera do resultado de diversas análises, nomeadamente de datações pelo C 14 (para além da que agora divulgamos), que certamente merecerão publicação e comentário. Entretanto, apraz-nos registar o facto da estação já se encontrar protegida por uma vedação, estando em curso o processo da sua classificação.

APÊNDICE 2

MATERIAL BOTÂNICO PROVENIENTE DA FRAGA D'AIA

por

A. R. Pinto da Silva *

Amostra 1

Localização: D 1. Superficial. C. 1/2a (zona revolvida).

Corpúsculo com c. 10-11 mm. de diâmetro, arredondado, que por fractura revelou uma casca grossa (1 mm. ou pouco mais), parecendo por vezes um agregado de corpos ovóides, erectos, em paliçada, «casca» que envolve um núcleo fibroso, compacto, orientado, em certa área com covinhas ovalo-circulares que lembram cicatrizes de inserção de raminhos ou gomos, orientadas pelas fibras. O núcleo não constitui uma massa concêntrica, mas sim (tanto quanto se pode ver pela superfície de fractura) vai de lés-a-lés do corpúsculo até ser interrompido pela casca. Não me parece ser um fruto mas antes um nódulo lenhoso (de *Quercus suber* = sobreiro, com toda a reserva) proveniente de um rebento frustrado, ou cortado e subsequentemente cicatrizado, que sendo mais rijo, prevaleceu carbonizado. Deverá ser estudado por um xilólogo. A fractura foi feita com uma agulha cromada.

Amostra 2

Localização: B 2. Lareira 2.

Trata-se, sem dúvida, de uma casca de semente de Pinheiro bravo (*Pinus pinaster* Ait.), ou seja, de um «penisco»; e digo casca porque estava vazia. Media c. de 7 mm., como as actuais. Partiu-se em muitos fragmentos que, montados em carvão, arqueei na colecção da E.A.N. Também a forma confere perfeitamente com as sementes actuais.

Amostra 3

Localização: a mesma da Amostra 2.

Trata-se de fragmentos de escamas¹ de pinha que, confrontadas com as de *Pinus*

* Estação Agronómica Nacional. Oeiras.

¹ Aquilo a que acima chamei «escamas» são mais correctamente «apófises carpelares» terminadas por um «escudo». Em nenhuma se viram as cavidades, ou «camas» se lhes poderia chamar, onde estão os pinhões pousados. Alguns fragmentos da amostra 2 poderiam ser, pelas faces paralelas, de casca ou carasca de pinheiro. A nossa identificação da Amostra 2 confere com as descrições dadas por A. Franco na sua *Flora*.

Não só a ocorrência de *P. pinaster* em tempos pré ou proto-históricos é interessante para a história desta espécie em Portugal (conjuntamente com outros elementos de que já se dispõe), como também seria de muito interesse se viessem a achar-se testemunhos de *P. sylvestris*, hoje relicto na Serra do Gerês.

sylvestris L. e as de *P. pinaster* Ait. parecem-nos (a mim e à minha colega Isabel Saraiva) ser também desta última espécie, pela espessura que atingem, pelos «vincos» ou costas transversais pouco salientes e não reversos para o lado do eixo, pelo escudo não prolongado em «bico» para o lado do eixo, por a parte exterior da escama ter mais de duas faces, tornando-a piramidal (em *P. sylvestris* não é facetada ou é apenas levemente bi-facetada).

A ocorrência da semente na Amostra 1 vem reforçar esta identificação, já que seria muito improvável ou até impossível a presença das duas espécies na mesma área. Contudo, julgo que seria muito interessante o estudo antracológico dos carvões que se encontraram com as amostras 1 e 2 e também o estudo polínico de solos de carvalho ou outras folhosas autóctones (para não serem de eucaliptal ou mimosa...), e de matos sob pinhal, ou não, a fim de ver no perfil a cronologia, ou história, de *Pinus* na localidade, e também, evidentemente, a identificação da espécie que porventura aí ocorra².

² O conteúdo deste Apêndice foi extraído de duas cartas enviadas pelo seu autor, respectivamente em 3 de Setembro e em 5 de Novembro de 1988. Mais uma vez exprimo aqui ao Eng^o Pinto da Silva os nossos agradecimentos pela colaboração que nos vem prestando no domínio da Paleobotânica (V.O.J.).

APÊNDICE 3

UMA DATA DE C14 PARA A FRAGA D'AIA

por

V. O. Jorge e
G. Delibrias *

Natureza do material datado: Carvões de madeira.

Proveniência: Quadrado B2. Enchimento da lareira (em fossa) nº 2.

Recolha: 6 de Maio de 1988.

Amostra submetida ao laboratório em 26 de Setembro de 1988.

N/ nº de referência: Fraga d'Aia 1.

Nº de referência do laboratório: Gif-7891.

Resultado: 5750 ± 70 anos

$\delta^{13}\text{C}$: -25,95‰

Data calibrada: Cal BC (-4471, -4773)

Observações do laboratório: Intervalo de confiança 95% (2 sigmas).

Calibração seg. PAZDUR e MICHCZYNSKA 1989 (*Radiocarbon*, no prelo).

Resultado enviado em 30 de Janeiro de 1989.

Comentário do laboratório: «(...) A hipótese de uma contaminação residual parece muito improvável dado que procedemos a um tratamento químico muito eficaz com o objectivo de eliminar a fracção húmica».

Comentário da equipa arqueológica: Será necessário aguardar novas datas (para esta lareira e para outros testemunhos da ocupação do abrigo) até se poder ter uma ideia mais perfeita da diacronia desta estação. Se a lareira 2 correspondesse à mesma fase geral de ocupação do resto do abrigo (hipótese que levantámos na notícia preliminar já publicada — *v. op. cit.* na nota 1 *supra*, p. 116), então a data de 3.800 a.C. agora obtida seria demasiado recuada, uma vez que, com base nos materiais encontrados, continuamos a pensar que estamos perante uma fase situável entre a 2ª metade do IIIº e a 1ª metade do IIº milénios a.C. Como, porém, a leitura estratigráfica da camada exacta em que se abria esta lareira 2 levantou algumas dificuldades (a fossa estava de facto subjacente à camada 2a, como escrevemos, mas existia no local uma certa acumulação de pedras, e as condições de trabalho que rodearam a descoberta e decapagem da fossa-lareira não foram as melhores), não podemos categoricamente eliminar a hipótese de

* Centre des Faibles Radioactivités. Gif Sur Yvette (França).

neste recanto do abrigo existirem restos, muito ténues, de uma ocupação mais antiga do que a que predomina na restante estação, e que poderia ter sido responsável pela abertura desta estrutura de combustão. A conclusão das escavações na área contígua à da mesma estrutura, que se prevê para breve, poderá dar-nos, juntamente com as outras datações a que nos referimos, novas pistas sobre este problema fundamental de interpretação da estação.

APÊNDICE 4

ANÁLISE ANTRACOLÓGICA

por

Isabel Figueiral *

Proveniência dos carvões: B2. Lareira 2.

Amostras obtidas por flutuação.

Determinação *Pinus pinaster* Ait.

Observação: foram encontrados, nas amostras, restos de pinha (utilizados para acender a fogueira?)

* Bolseira do Gov. francês no Lab. de Paleobotanique, Univ. des Sciences et Techniques du Languedoc, Montpellier.

II — AS PINTURAS

Não me tendo sido possível, até ao momento, finalizar "in loco" o estudo das pinturas pré-históricas deste pequeno mas notável abrigo das margens do Távora, não pretendo por ora alongar-me relativamente às notas que a sua primeira observação me sugeriu e que foram já publicadas nas páginas da revista "Arqueologia". Este texto sintetiza pois essas primeiras impressões e deverá ser enquadrado como complemento à presente apresentação mais detalhada dos resultados da escavação do abrigo.

As pinturas rupestres da Fraga d'Aia podem metodologicamente distribuir-se por dois grupos pictóricos, de acordo com a sua ordenação no espaço operativo e devem corresponder igualmente a duas fases de execução distintas. Ambos os grupos são pintados em tons monocromáticos, com tintas planas à base de tons de vermelho, que podem ir desde o vermelho vinhoso, mais escuro, ao sanguíneo, mais claro.

Tecnicamente, não existe qualquer tinta de preparação prévia da superfície historiada, sendo a camada pictórica hoje visível a aplicada directamente sobre o paredão granítico apainelado. Da mesma forma, não há qualquer evidência de delimitação ou esboço prévio dos motivos pintados. Apenas no friso decorado encaixado mais à direita do abrigo, onde se guarda uma rica imagética antropomórfica, a superfície granítica foi intencionalmente apainelada por martelagem e eventual fricção, restando actualmente desta operação um ligeiro rebordo saliente na parte superior do belo grupo de motivos.

Quer pelo princípio metodológico da precedência e preferência operativa, que aqui terá plena aplicação, quer tecnicamente pelos diversos matizes das tonalidades cromáticas, quer ainda pelas variantes estilísticas, as pinturas podem agrupar-se em dois conjuntos diferenciados que deverão eventualmente reflectir duas fases distintas de execução:

/ Fase A — O primeiro grupo é constituído pela cena de caça, na qual intervêm um único personagem antropomórfico talvez armado com um arco (sem setas visíveis) e um cervídeo de longas hastes figuradas em perspectiva distorcida, num estilo muito próximo do subnaturalismo. No entanto, a torsão dos membros do cervídeo e um certo dinamismo do personagem armado conferem à cena características de movimento que a afastam do clássico estilo subnaturalista. O subtil jogo de forças entre as duas figuras e uma certa desproporção no porte de cada uma delas, colocam o cervídeo no centro da acção. Este aspecto será determinante para que não se encare esta cena como de mero carácter narrativo, devendo antes ligar-se à descrição de um qualquer mitograma. O tema é bastante comum na arte da pré-história recente europeia e tem bastantes variantes em particular na Península Ibérica.

Estas são as figuras de maior porte de todo o abrigo, pertencendo certamente à primeira fase decorativa, momento ao qual se deverão igualmente ligar outros restos de antropomorfos esquemáticos, aparentemente dissociados

desta cena estilística e tecnicamente, e bem assim singulares restos de outros motivos entretanto desaparecidos devido a uma erosão mais intensa no mais desabrigado sector desta pala.

Fase B— O segundo grupo é representado predominantemente por um pequeno mas variado leque de motivos antropomórficos, agrupados ou não entre si, dois dos quais igualmente associados a um quadrúpede. Nesta fase destaca-se o bellissimo friso pintado no mais protegido recanto do abrigo, o que permitiu a sua melhor conservação e "frescura" pictórica relativamente às restantes figurinhas, algumas espriadas pela fraga praticamente até ao nível do solo. Tipologicamente, as personagens antropomórficas poderiam agrupar-se em três sub-fases. De momento interessará, no entanto, destacar que, no pequeno friso melhor decorado, algumas das personagens são de um fino recorte plástico, umas mais (surpreendentemente) naturalistas, outras mais estilizado-dinâmicas. Curiosamente, o mais esquemático antropomorfo inscrito neste friso, está aparentemente montado em pé sobre um quadrúpede de espécie dificilmente identificável, ligado por sua vez a uma outra personagem de maiores dimensões e estranhos atributos nos longos membros inferiores. Sobre o hipotético significado desta cena e sua provável cronologia avançada confira-se o texto da "Notícia Preliminar".

Nesta fase há assim uma clara dominância da temática antropomórfica, com ausência absoluta dos motivos geométricos, um tipo de figuras que por vezes aparece associado aos primeiros. Mas, se alguns dos antropomorfos apresentam a habitual tipologia do esquematismo ibérico, outros são bastante mais originais no seu naturalismo, conferindo à Fraga d'Aia uma importância acrescida no contexto da nossa arte pós-glaciar.

Os materiais arqueológicos exumados na escavação do abrigo, que poderão eventualmente fornecer alguns dados da cultura material dos pintores, e a possível cronologia absoluta obtida a partir das análises de C-14 das duas lareiras escavadas, ajudarão certamente a um mais correcto enquadramento cultural e mesmo cronológico das pinturas. Da conjugação destes elementos com uma mais profunda análise estilística e formal das pinturas da Fraga d'Aia, que contamos realizar em futuro próximo, poder-se-á desde já afirmar estarmos perante um dos mais significativos achados dos últimos anos no domínio da arte da pré-história recente do nosso território, e certamente no futuro uma estação de referência para o estudo e compreensão da arte pós-glaciar da própria Península.

Na verdade, são raras as estações de arte rupestre, gravadas ou pintadas, que podem ser estudadas num contexto de cultura material. Normalmente aquelas surgem ao investigador isoladas temporal e mesmo espacialmente do mundo dos seus criadores. Não se podendo afirmar com toda a segurança que a totalidade das pinturas da Fraga d'Aia pertencerá ao mesmo horizonte cultural dos materiais arqueológicos exumados na escavação do abrigo, pois não há pinturas sobrepostas por estratos

arqueológicos datáveis, poderá, no entanto, presumir-se uma quase segura relação entre ambos, pelo menos no que toca a certas pinturas deste mesmo abrigo. Daí a importância acrescida da Fraga d'Aia, onde se aliam a grande beleza plástica de alguns motivos com um possível contexto arqueológico de incalculável valor para uma sempre desejada melhor sistematização da nossa tão rica quão variada arte pré-histórica.

A. M. B.

III — MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

1 — Materiais Líticos

As peças mais significativas já foram por nós referidas na notícia preliminar (*op. cit.* pp. 125-126). Assim, o nosso objectivo é aqui, tão só, apresentar os quadros descritivos do material, peça por peça, indicando a localização de cada uma. Referir-nos-emos, sucessivamente, aos objectos de *pedra lascada* (46 peças, na sua maioria muito frustes), de *pedra polida* (3 artefactos), aos *elementos de moinhos manuais* (16 móveis e 2 fixos — proporcionalmente, trata-se de um tipo de artefacto abundante nesta estação), aos *seixos rolados* (em número de 9, que, obviamente, foram trazidos para o local pela mão do homem), e, finalmente, a uma série de *vários objectos* cuja descrição nos pareceu ser necessária ao inventário exaustivo do material encontrado, procedimento que consideramos indispensável no estudo de qualquer estação.

Distribuindo os materiais líticos por camadas, temos:

- C. 1 — 7 artefactos;
- C. 2a — 29 artefactos, além de 1 no contacto com a C. 2b.;
- C. 2b — 20 artefactos;
- C. 3 — 24 artefactos;

Outras situações:

- C. 1/2b (mistura, à superfície) — 2 artefactos;
- Lareira 2 — 2 artefactos (note-se, porém, que 1 deles é um simples fragmento de ocre);
- Terras revolvidas — 1 artefacto.

Assim, as camadas 2a, 2b e 3 conteriam a esmagadora maioria dos objectos, com vantagem para a C. 2a, o que parece estar em contradição com o que referimos na nossa notícia preliminar, em que apresentávamos tal camada como "arqueologicamente pobre, ou, mesmo, praticamente estéril" (*op. cit.*, p. 116). Todavia, se quantitativamente esta afirmação é exagerada, ela mantém-se genericamente válida, pelo menos em termos qualitativos. A maioria dos artefactos mais significativos (incluindo

fragmentos cerâmicos) ocorreu nas camadas 2b e 3; e em áreas relativamente amplas da superfície escavada, a C. 2a era efectivamente quase estéril. No que toca apenas aos materiais líticos, se descontarmos as inúmeras lascas residuais ou frustemente trabalhadas, os seixos rolados, e os objectos incluídos na rubrica "vária", veremos que a maioria dos artefactos com maior interesse pertence à C. 3 (em número de 14), só a seguir vindo a 2a (com 8, mas um deles achado no contacto com a C. 2b.) e, em terceiro lugar, a C. 2b (com 4, mas haveria ainda que pensar nas duas peças achadas na indiferenciação superficial das C. 1 e 2b). Isto para já não falar da enxó encontrada em terras revolvidas, mas com toda a verosimilhança proveniente da C. 3.

Acrescente-se que se considerou dispensável indicar as dimensões das peças menos significativas ou, até, de duvidoso interesse arqueológico; em alguns casos, apenas uma das dimensões é mencionada, o que se achou suficiente.

De novo manifestamos o nosso reconhecimento ao Dr. Huet Bacelar Gonçalves (Inst. Antropologia, F.C.U.P.), pela determinação de algumas das matérias-primas dos objectos estudados.

3.1.1. — OBJECTOS DE PEDRA LASCADA

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-Prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	D 3. C. 2b.	Micrólito geométrico. Segmento largo, fragmentado na extremidade proximal. (fig. 2, 5)	Sílex.	2, 3cm	1, 1cm	0, 4cm
2	D 2. C. 2a.	Ponta de seta fragmentada do lado direito do anverso. Forma sub-triangular, com os bordos ligeiramente convexos, e a base provavelmente côncava. Mediana. Retoque cobridor no anverso, invasor no reverso. (fig. 2, 4)	Idem.	2cm	1, 5cm	0, 4cm
3	E 3. C. 3.	Lamela de secção sub-triangular, fragmentada na base; extremidade distal em forma de ponta romba; retoque de duas fases (mais recente o do reverso), marginal. (fig. 2, 6)	Idem.	2, 5cm	0, 8cm	0, 4cm
4	E 3. C. 3.	Lamela fragmentada, de secção triangular e trapezoidal. Sem retoques; apenas possíveis sinais de uso, marginais. (fig. 2, 7)	Idem.	2, 4cm	1cm	0, 4cm
5	B 1. C. 2b.	Fragmento de lâmina muito irregular; secção trapezoidal irregular.	Quartzo hialino (impuro)	1, 6cm	1, 3cm	0, 5cm

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
6	C 2. C. 2a.	Lamela irregular, sem retoques.	Sílex.	2,5cm	1,1cm	0,4cm
7	B 2. C. 2a.	Lamela de secção triangular, arqueada. Fragmentada em ambas as extremidades.	Quartzo hialino (ímpuro).	1,8cm	1,1cm	0,3cm
8	D 2. C. 3.	Fragmento de lamela, de secção triangular.	Quartzo leitoso.	1,4cm	1 cm	0,5cm
9	B 2. C. 2b.	Lasca com bolbo no reverso e bordo cortante (em parte natural, em parte retocado), transversal, na extremidade distal.	Idem.	3,8cm	4,6cm	1,2cm
10	B 2. C. 2b.	Lasca retocada marginalmente no lado esquerdo superior do anverso e reverso. Bolbo duplo. Talão liso.	Quartzo.	5 cm	4,8cm	2,3cm
11	B 2. Lareira 2.	Lasca com retoques marginais, pouco regulares, no bordo esquerdo do anverso. Bolbo visível. Talão facetado.	Quartzo leitoso.	3,7cm	2,4cm	0,8cm
12	E 3. C.1.	Lasca espessa, sumariamente afeiçãoada em c. de 2/3 do bordo esquerdo do anverso.	Idem.	4,5cm	2,8cm	1,7cm
13	F 3. C.3.	Lasca sumariamente afeiçãoada no bordo esquerdo do anverso. Bolbo bem visível.	Idem.	4,3cm	2,8cm	0,9cm
14	D 4. C. 2b.	Lasca com retoques abruptos em 2/3 do bordo esquerdo. Sinais de utilização.	Idem.	4,3cm	1,9cm	1,4cm
15	E 3. C. 1.	Lasca com retoque fruste marginal em todo o bordo direito do anverso (tipo raspador côncavo).	Idem.	4,1cm	2,2cm	1,3cm
16	C 1. C. 2a.	Lasca frustemente afeiçãoada em parte dos bordos do reverso (provável utensílio ocasional).	Quartzo leitoso.	3,5cm	1,7cm	1 cm
17	C 2. C. 2a.	Lasca frustemente afeiçãoada no bordo lateral direito da face interna (utensílio ocasional).	Idem.	3,2cm	2,6cm	1,3cm
18	D 3. C. 2b.	Lasca afeiçãoada no bordo esquerdo da face externa (utensílio ocasional). Bolbo nítido no reverso.	Quartzo hialino.	2,8cm	3 cm	0,8cm

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
19	B 2. C. 2a.	Fragmento de lasca com retoques no gume lateral direito do anverso.	Quartzo leitoso.	1,8cm	2,6cm	1,1cm
20	F 2. C. 2a.	Lasca com alguns retoques frustes na extremidade distal (utensílio ocasional).	Idem.	2,5cm	2,8cm	0,8cm
21	D 3. C. 2b.	Lasca com retoques na extremidade distal do anverso. Bolbo no reverso. Raspadeira?	Quartzo hialino (impuro).	2,9cm	2 cm	0,7cm
22	D 1. C. 2a.	Lasca com retoques na extremidade distal de ambas as faces. Bolbo no reverso.	Idem.	2,7cm	1,9cm	0,5cm
23	C 3. C. 1.	Lasca residual de quartzo hialino. Apresenta uma «mancha» de ocre vermelho.	Quartzo hialino.	1,6cm	2,1cm	0,6cm
24	E 4. C. 3.	Lasca retocada marginalmente no bordo direito do anverso.	Quartzo leitoso.	3 cm	1,6cm	0,8cm
25	D 4. C. 2b.	Lasca com alguns negativos (incluindo uma <i>encoche</i>) muito frustes no bordo esquerdo do anverso.	Idem.	3,3cm	1,1cm	0,7cm
26	E 2. C. 2a.	Lasca com negativos muito irregulares em ambas as faces (utensílio ocasional provável).	Quartzo hialino (impuro).	1,7cm	2,4cm	0,8cm
27	B 3. C. 2b.	Lasca com negativos irregulares num bordo lateral (utensílio ocasional?).	Idem.	3,5cm	1,5cm	1,1cm
28	C 2. C. 2a.	Lasca com alguns negativos nos bordos, que podem ser acidentais.	Quartzo hialino (passando a leitoso).	2,2cm	1 cm	0,5cm
29	D 3. C. 2b.	Lasca retocada marginalmente no bordo esquerdo do anverso (raspador lateral direito).	Quartzo hialino.	3,4cm	1,8cm	0,6cm
30	F 2. C. 2a.	Lasca de seixo rolado, residual. Contorno ovóide. Talhe bipolar? (bolbo de um lado, sinais de choque no outro lado da face interna).	Quartzito.	8,4cm	4,8cm	1,4cm

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
31	C 3. C. 1. (zona revolvida)	Bloco que serviu de percutor (sinais evidentes numa das extremidades, mais ténues na outra).	Quartzo.	11,2cm	7,5cm	4,4cm
32	B 1. C. 2a.	Lasca residual.	Sílex.	1,7cm	1,4cm	0,3cm
32	F 3. C. 1.	Poliedro irregular, que serviu de percutor numa das extremidades.	Quartzo leitoso.	8 cm	7,5cm	6,8cm
33	D 4. C. 3.	Fragmento de rocha, espesso. Sumariamente afeiçãoado na extremidade distal (raspadeira espessa, muito fruste).	Idem.	4,2cm	3,1cm	2,7cm
34	B 3. C. 1.	Pequeno fragmento de rocha, mostrando, num dos bordos, alguns negativos (retoque fruste ou uso?). Utensílio eventual?	Idem.	1,5cm	2 cm	1 cm
35	E 2. C. 3.	Pequena lâmina residual.	Quartzo hialino.	—	—	—
36	C 1. C. 2a.	Minúscula lamela residual (secção triangular).	Quartzo leitoso.	—	—	—
37	C 1. C. 2a.	Fragmento residual (núcleo atípico) com um negativo de lasca numa das faces.	Quartzo hialino (impuro).	—	—	—
38	D 3. C. 2b.	Fragmento residual (núcleo muito esgotado).	Quartzo leitoso.	—	—	—
39	C 1. C. 2a.	Lasca com bolbo na face interna e toscos afeiçãoamentos marginais (utensílio ocasional?).	Idem.	—	—	—
40	D 3. C. 2b.	Fragmento de rocha com alguns negativos resultantes de percussões (núcleo esgotado provável).	Quartzo.	—	—	—
41	F 2. C. 2a.	Fragmento residual, podendo ter servido como utensílio ocasional, muito fruste (raspadeira espessa?).	Quartzo leitoso.	—	—	—
42	E 2. C. 2a.	Lasca com bolbo no reverso. Denticulações frustes no bordo (utensílio ocasional?).	Idem.	—	—	—

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
43	B 1. C. 2a.	Lasca apresentando, num bordo lateral, alguns negativos (retoque fruste? resultado de atrito?). Utensílio ocasional?	Idem.	—	—	—
44	F 3. C. 3.	Lasca com bolbo na face interna. Negativos num dos bordos (uso ocasional? atrito?).	Idem.	—	—	—
45	E 2. C. 2a.	Lasca com bolbo na face interna. Negativos marginais. Utensílio ocasional?	Idem.	—	—	—
46	C 2. C. 2a.	Fragmento residual. Núcleo esgotado?	Quartzo hialino.	—	—	—

3.1.2. — OBJECTOS DE PEDRA POLIDA

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	C 2. C. 3.	Enxó de contomo sub-trapezoidal; secção sub-elíptica alongada. Gume rectilíneo. (fig. 2, 1).	Anfibolito provável.	5,1cm	3,5cm (no gume)	1,4cm
2	C 4. Terras revolvidas (prof. – 50 cm.)	Enxó de contomo sub-trapezoidal; secção sub-trapezoidal. Gume ligeiramente convexo, quase rectilíneo. (fig. 2, 2).	Silimanite.	3,9cm	3,4cm (no gume)	0,6cm
3	F 3. C. 2.a (contacto com a C. 2b).	Enxó de contomo sub-rectangular alongado. Secção sub-elíptica a ovóide. Gume convexo, muito deteriorado, como, aliás, toda a peça. (fig. 2, 3).	Anfibolito profundamente alterado.	17,8cm	4,8cm	3,6cm

3.1.3. — MOINHOS MANUAIS (elementos de)

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-Prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	C 2. C. 2a.	Elemento móvel; contomo sub-elíptico; achatado. Polimento de uso em ambas as faces maiores, sendo porém numa delas mais intenso.	Granito	11, 8cm	9, 1cm	4, 2cm
2	E 3. C. 3.	Elemento móvel. Contorno ovóide; achatado. Polimento de uso mais intenso numa das faces maiores.	Idem	9cm	7, 7cm	3, 3cm
3	E 3. C. 3.	Elemento móvel, ligeiramente fragmentado. Contorno sub-circular. Achatado. Polimento de uso nas duas faces maiores, mas mais intenso numa delas.	Idem	10, 3cm	9, 6cm	4cm
4	E 3. C. 3.	Elemento móvel, ligeiramente fragmentado. Contorno sub-retangular de cantos arredondados. Achatado. Polimento de uso principalmente numa das faces maiores.	Idem	9, 6cm	8cm	4, 3cm
5	E 5. C. 2b.	Elemento móvel, fracturado. Contorno sub-elíptico. Achatado. Polimento de uso em ambas as faces maiores, mas mais intenso numa delas.	Idem	11, 5cm	9, 5cm	3, 5cm
6	E 4. C. 3.	Elemento móvel. Contorno sub-retangular alongado, de cantos arredondados. Achatado. Polido nas duas faces maiores, mas mais numa do que noutra.	Idem	15, 7cm	10, 7cm	4, 5cm
7	D 5. C. 2b.	Elemento móvel, ligeiramente fragmentado. Contorno sub-elíptico; secção plano-convexa. Só a face inferior é polida pelo uso.	Idem	12, 3cm	10, 4cm	6, 6cm
8	C 2. C. 2a.	Elemento móvel; contomo sub-quadrangular. Uma das faces polida pelo uso, mas não totalmente.	Idem	8, 4cm	8, 1cm	3, 3cm
9	E 3. C. 3.	Elemento móvel, fragmentado (c. 2/3 da peça?). Contorno sub-elíptico ou ovóide alongado; achatado.	Granito	—	—	4, 7cm

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-Prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
10	F 2. C. 2a.	Grande seixo rolado, espesso, com as duas faces maiores polidas pelo uso como elemento móvel. Contorno aproximadamente semi-circular. Uma das faces tem uma superfície útil mais ampla do que a outra.	Idem	15, 5cm	12, 5cm	8, 3cm
11	F 4. C. 1/2b (mistura), à superfície.	Fragmento de elemento móvel, de contorno presumivelmente ovóide; provavelmente achatado. Conserva-se parte de uma superfície polida pelo uso.	Idem	—	—	c. 3cm
12	E 3. C. 3.	Fragmento de elemento móvel, presumivelmente achatado. Conservada parte da superfície polida pelo uso.	Idem	—	—	—
13	E 3. C. 3.	Idem.	Idem	—	—	—
14	E 3. C. 3.	Fragmento de elemento móvel (c. 1/2 da peça?). Uma das faces está polida pelo uso; a outra, apresenta a superfície fragmentada. Presumivelmente achatado.	Idem	—	—	5cm
15	F 4. C. 1/2b (mistura), à superfície.	Fragmento de elemento móvel (c. 1/2 da peça?). Contorno sub-elíptico ou ovóide; secção triangular. Face inferior polida pelo uso, embora não intensamente.	Idem	—	—	5cm
16	E 4. C. 3.	Fragmento de elemento móvel (c. 1/2 da peça?). Contorno sub-circular ou sub-elíptico; achatado. Secção sub-rectangular de cantos arredondados. Uma das faces polida pelo uso.	Granito	—	—	5, 1cm
17	E 2. C. 2a.	Fragmento de elemento fixo. Contorno sub-triangular; achatado. Os sinais de uso (polimento), não intenso, ocorrem na face superior, ligeiramente côncava.	Idem	23cm	20cm	7, 3cm
18	E 3. C. 3.	Elemento fixo, fragmentado. Contorno sub-quadrangular; secção sub-trapezoidal. Sinais de uso pouco prolongado apenas na face superior, que é côncava.	Idem	21, 5cm	2, 5cm	10cm

3.1.4. — SEIXOS ROLADOS

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	D 5. C. 2b.	Seixo rolado de contorno elíptico. Sinais nítidos de percussões numa das extremidades.	Quartzito.	4,7cm	3,4cm	2,5cm
2	D 5. C. 1 (revolvida).	Seixo rolado de contorno ovóide; achatado.	Idem.	4,3cm	3,5cm	1,8cm
3	D 2. C. 2a.	Pequeno seixo rolado.	Xisto.	1,5cm	0,8cm	0,3cm
4	E 3. C. 3.	Pequeno seixo rolado alongado; achatado.	Idem.	3,2cm	1,2cm	0,4cm
5	E 3. C. 3.	Pequeno seixo rolado, achatado, brilhante.	Idem.	2,2cm	1,5cm	0,3cm
6	E 3. C. 3.	Seixo rolado. Contorno sub-circular, um pouco alongado.	Quartzo leitoso.	3,7cm	3,2cm	2,4cm
7	F 3. C. 2a.	Seixo rolado, de contorno sub-elíptico.	Quartzito.	6,2cm	5,1cm	3,6cm
8	D 1. C. 2a.	Seixo rolado, fragmentado.	Idem.	2,5cm	2,6cm	1,5cm
9	C 4. C. 3.	Seixo rolado, fragmentado, achatado, de contorno ovóide.	Turmalinito xistento.	10,5 cm	8,4cm	3,3cm

3.1.5. — VÁRIA

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
1	D 3. C. 2b.	Placa de rocha (natural).	Filádio ou xisto luzente.	—	—	0,3 cm
2	D 1. C. 2a.	Fragmento de rocha em forma de placa.	Grés de grão fino.	—	—	—
3	D 3. C. 2b.	Fragmento de placa (natural).	Filádio ou xisto luzente.	—	—	—
4	D 2. C. 2a.	Fragmento de cristal. Alguns negativos muito irregulares numa extremidade (possivelmente fortuitos).	Quartzo leitoso.	—	—	—
5	B 3. C. 3.	Pequeno fragmento de cristal.	Quartzo leitoso.	—	—	—
6	D 3. C. 2b.	Pequeno cristal	Idem.	—	—	—

Nº de Ordem	Localização	Descrição	Matéria-prima	Dimensões		
				Comp.	Larg.	Esp.
7	D 4. C. 2b.	Fragmento de rocha, polida (instrumento) ou rolada (seixo).	Anfibolito.	—	—	—
8	D 4. C. 2b.	Calhau fragmentado, achatado, apresentando numa das faces maiores certo grau de «alissamento» (elemento móvel de moinho normal, de uso pouco longo?).	Granito.	—	—	4,8cm
9	D 2. Lareira 2.	Fragmento de ocre.	Ocre ferruginoso.	—	—	—

V. O. J.

3. 2 — Cerâmica

A grande maioria dos fragmentos cerâmicos exumados é lisa, dificilmente permitindo colagens susceptíveis de proporcionarem uma reconstituição das respectivas formas. Além disso, os bordos não são abundantes, e os eventuais fragmentos de fundos, que devem ter sido convexos, praticamente não se distinguem dos das panças.

Deste modo, só foi possível perceber, a partir dos bordos e/ou panças, a forma de 14 recipientes⁴. Treze dos mesmos figuram, conjuntamente com um fundo, no quadro de formas que aqui apresentamos.

Como se pode verificar, dominam aí os recipientes de tipo esférico ou aparentado⁵, incluindo as taças em calote de esfera.

Tipo 1 — esférico de boca fechada;

Tipo 2 — esféricos de boca um pouco mais aberta do que em 1. A forma b constitui uma variante, com um ligeiro estrangulamento no bordo.;

Tipo 3 — taças em calote de esfera. A forma b é uma taça de fundo arredondado e corpo de tendência sub-cilíndrica;

⁴ No nosso trabalho anterior falávamos de 13 formas (*op. cit.*, p. 127), que são as que figuram no quadro que agora apresentamos. Efectivamente, o vaso nº 16 encontra-se reduzido a um fragmento tão pequeno, que não permite que façamos uma ideia de qual seria o seu perfil. Quanto ao vaso nº 15, que figura no quadro integrado na forma 4, não possui bordo, sendo no entanto notório pela sua carena e pela decoração que ostenta.

⁵ Corrija-se, assim, a afirmação inserta na nossa notícia preliminar (p. 127, col. 1, linhas 10-11), segundo a qual «as formas dominantes pertencem a recipientes de corpo globular ou ovóide», o que não é correcto, pelo menos com base nas formas reconstituíveis.

Aproveitamos também para chamar a atenção para duas gralhas existentes na mesma pág. desse trabalho: na col. 1, linha 18, deve ler-se «v. Fig. 23»; e na col. 2, linha 5, deve ler-se «mistura com a C. 2a.».

Tipo 4 — recipientes fechados, de perfil sinuoso, com carena; num deles (no quadro, do lado esq.) a carena está a meia altura do corpo, existindo ainda um pequeno estrangulamento no colo;

Tipo 5 — recipiente aberto, em forma de taça carenada (carena média?);

Tipo 6 — fundo convexo, espessado na parte central através de uma saliência de contorno circular.

Em nenhum caso a decoração dos vasos parece ser abrangente, limitando-se à parte contígua ao bordo ou abarcando, mais raramente, uma faixa que, de qualquer modo, não deverá ultrapassar c. de 1/3 do corpo do vaso. Mesmo quando estamos perante fragmentos decorados que não admitem colagem, essa ornamentação não destoa da que se encontra em formas reconstituíveis — tanto em estilo como na área presumível do vaso em que se situava.

As decorações apresentam três técnicas — a impressão "penteada" (aqui realizada de modo arrastado), a incisão e o puncionamento simples (havendo também alguns casos de puncionamento arrastado). Quanto às organizações decorativas, são de dois tipos:

- a) impressões "penteadas" dispostas em linhas que se distribuem, em faixa, paralelamente ao bordo;
- b) incisões, paralelas entre si e paralelas ou perpendiculares ao bordo, dispostas em sequência horizontal; esta faixa é delimitada em cada topo, ora por uma linha incisa, ora por uma linha de puncionamentos.

Um dos recipientes é decorado sobre o lábio com pequenas incisões curtas e fundas (nº 16) e outro apresenta uma fiada de 4 orifícios, destinados com certeza à sua suspensão (nº 9).

Do ponto de vista técnico, toda a cerâmica apresenta boa cozedura e pasta de textura compacta. Em função do tipo de desengordurante, podemos distinguir três grupo de pastas:

- 1) Pasta com desengordurante constituído por e. n. p. finos (0,5 - 1 mm), essencialmente micáceos — 100 fragmentos, que constituem 45% da amostragem⁶. Neste grupo incluem-se ainda os recipientes n.ºs 7, 13, 14 e 16. Apresentam predominantemente superfícies bem alisadas de cor castanho-avermelhada. Em menor grau surge a cor castanho clara. A espessura das paredes varia entre 3 e 8mm.
- 2) Pasta com desengordurante constituído por e.n.p. de tamanho médio (1 - 2,5 mm), essencialmente de quartzo, mas também com elevada percentagem de mica — 97 fragmentos, representando 44% da amostragem.

⁶ Para efeitos de contagem, considerámos aqui como só 1 espécime todos os fragmentos admitindo colagem.

A este grupo pertencem os vasos n.ºs 3, 4, 6, 10, 12 e 15. Dominam as superfícies alisadas essencialmente no exterior; no interior são mais irregulares. A quase totalidade dos fragmentos é de cor castanho clara, embora haja também alguns avermelhados. A espessura das paredes varia entre 6 e 8 mm.

- 3) Pasta com desgordurante constituído por e.n.p. de tamanho médio e grande (2,5 - 5 mm), essencialmente de quartzo — 23 fragmentos que representam 10% da amostragem. Incluem-se neste grupo os recipientes n.ºs 1, 5, 7, 8 e 9. Neste grupo as superfícies deveriam ter sido inicialmente alisadas. Porém, a grande percentagem de elementos não plásticos grosseiros deve ter contribuído para uma maior corrosão das paredes, que actualmente se encontram rugosas. Domina a cor castanho clara. A espessura das paredes varia entre 6 e 10mm.

Em todos os fragmentos analisados, o núcleo é, genericamente, da mesma cor das superfícies, sendo ainda frequente encontrar, em quase todos, as marcas de um alisamento imperfeito no interior do recipiente. Daí que as superfícies interiores sejam sempre mais irregulares do que as exteriores.

A concluir a nossa análise dos recipientes, apresentamos um quadro contendo a proveniência dos 16 vasos cujos fragmentos desenhámos para publicação (neste trabalho e no anterior — v. nota 1 *supra*⁷), por, obviamente, serem os mais importantes exemplares exumados.

⁷Distribuição global, por camadas, de todos os fragmentos (aqui considerados individualmente, ou seja, independentemente de admitirem ou não colagem) encontrados na Fraga d'Aia, num total de 305 exemplares, na sua maioria de pequenas dimensões:

C. 1 — 19 — 6,2%

C. 2a. — 93 — 30,4%

C. 2b. — 94 — 30,8%

C. 3 — 72 — 23,6%

Outras situações (27 — 8,8%):

C. 1/2 b. (contacto, ou indiferenciação, entre as camadas) — 22

C. 1/2a. (mistura, à superfície) — 1

C. 2a./2b. (indiferenciação) — 2

Terras revolvidas da base — 1

Lareira 2 — 1.

Vaso nº	Fragmentos que o compõem ^a , e sua localização (quadrado e camada)	Desenho
1	114 — E 3, c. 3. 212 — F 3, c. 3. 282 — D 5, c. 2b. 399 — D 3, c. 2b.	<i>Op. cit.</i> nota 1, fig. 22, 1.
2	58 — E 3, c. 3. 193 — E 3, c. 2a. 194 — E 3, c. 2a. 195 — E 3, c. 2a. 221 — F 3, c. 2b. 280 — f 5, c. 2b.	<i>Op. cit.</i> nota 1, fig. 22, 3.
3	66 — E 3, c. 3. 71 — E 3, c. 3. 109 — E 3, c. 2b. 110 — E 3, c. 2b. 111 — E 3, c. 2b. 112 — E 3, c. 2a. 188 — F 3, c. 2a. 391 — D 3, c. 2b. 411 — D 3, c. 2b. 417 — D 3, c. 2b.	<i>Op. cit.</i> nota 1, fig. 22, 1.
4	273 — B 3, c. 2b. 306 — B 2, c. 2a (transição para a c. 2b.) 307 — B 2, c. 2a (transição para a c. 2b.) 458 — D 2, c. 3. 488 — B 2, c. 2a.	fig. 5, 2.
5	173 — G 3, c. 2a.	Fig. 6, 1.
6	217 — E 5-F5, superfície (exterior do abrigo)	Fig. 4, 2.
7	107 — E 3, c. 2b. 108 — E 3, c. 2b. 242 — C 3, c. 2b.	Fig. 4, 4.
8	281 — D 5, c. 2b.	Fig. 4, 1.
9	263 — F 4, c. 1/2b (mistura), à superfície. 264 — F 4, c. 1/2b (mistura), à superfície. 265 — F 4, c. 1/2b (mistura), à superfície.	<i>Op. cit.</i> nota 1, fig. 23.

^a Cada fragmento vai antecedido do seu nº de etiquetagem individual.

Vaso nº	Fragmentos que o compõem, e sua localização (quadrado e camada)	Desenho
10	243 — F 4, c. 2b. 248 — F 4, c. 2b. 274 — F 5, c. 2b. 275 — F 5, c. 2b. 276 — F 5, c. 2b. 277 — F 5, c. 2b.	Fig. 4, 3.
11	328 — F 5, c. 3.	Fig. 6, 2.
12	116 — E 3, c. 3. 117 — E 3, c. 3. 119 — E 3, c. 3. 206 — E 4, c. 3. 297 — F 4, c. 3. 361 — D 4, c. 1/2b (indiferenciadas).	Fig. 3, 2.
13	78 — E 3, c. 3. 360 — D 4, c. 1/2b (indiferenciadas). 399 — D 3, c. 2b. 404 — D 3, c. 2b. 465 — D 3, c. 1/2b (indiferenciadas). 466 — D 3, c. 1/2b (indiferenciadas). 467 — D 3, c. 1/2b (indiferenciadas). 530 — D 4, c. 2b. 531 — D 4, c. 2b.	Fig. 5, 1.
14	211 — F 4, contacto entre c. 1 e 2b.	Fig. 3, 4.
15	1 — F 2, c. 2a. 2 — F 2, c. 2a. 3 — F 2, c. 2a. 4 — F 2, c. 2a.	Fig. 3, 3.
16	172 — F 3, c. 2a.	Fig. 3, 1.

Num local de 62 fragmentos pertencentes a estes dezasseis recipientes verificamos que a distribuição por camadas é a seguinte:

- c. 1 — 1
- t. de mistura entre a c. 1 e a c. 2b (superfície) — 9
- c. 2a — 12
- t. de transição entre a c. 2a e a c. 2b — 2
- c. 2b — 25
- c. 3 — 13.

Constatamos também que, em certos casos, um vaso tem os seus fragmentos dispersos por duas ou, mesmo, por três camadas. Tal facto não nos surpreende, uma vez que, tal como dissemos na notícia preliminar, cremos estar perante níveis distinguíveis mais em termos, digamos, pedológicos (cor, textura, compactidade, teor em húmus, etc.), do que propriamente arqueológicos.

Finalmente, resta descrever duas peças cerâmicas de forma cilíndrica, fragmentadas (fracturas antigas nas duas extremidades de cada uma), que identificaremos pelo seu nº de etiquetagem:

171 — Localização: E 3. C. 2b.

Dimensões: comp. — 1,8 cm; diâmetro — 0,6 cm. Cor castanha.

(Fig. 2, 8.).

548 — Localização: D 3. C. 2b (base).

Dimensões: comp. — 2,7 cm; diâmetro — 0,7 cm. Cor castanho-avermelhada.

(Fig. 2, 9).

Desconhecemos por completo a função das peças (aparentemente distintas, ou seja, não parece estarmos perante dois troços de um mesmo "cilindro", dada a diferença, embora ligeira, de cores e de diâmetros) a que estes dois fragmentos pertenciam.

M.J.S. / V.O.J.



Fig. 1 — As pinturas da Fraga d'Aia (levantamento de A. M. Baptista).

Est. I



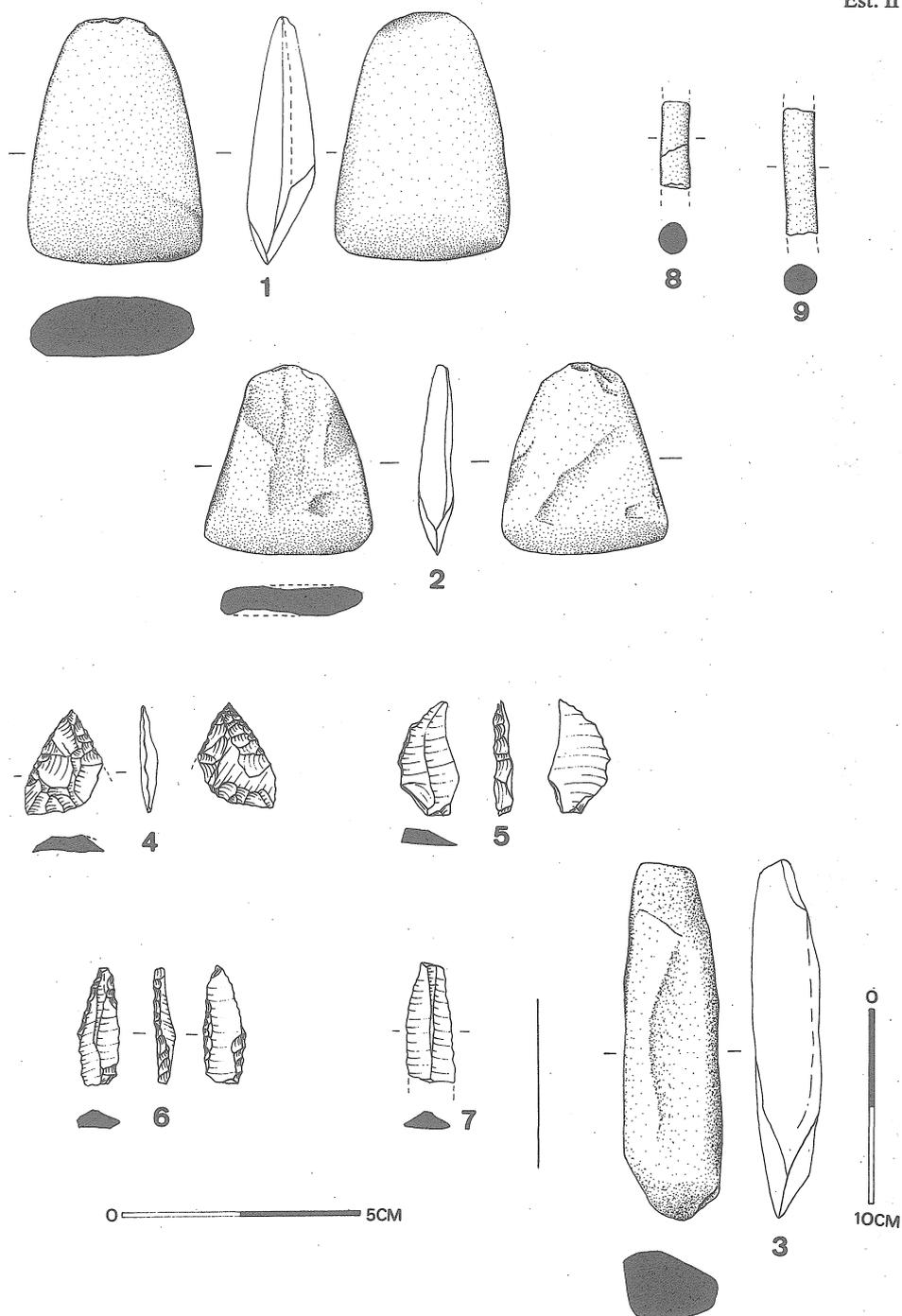


Fig. 2 — Materiais líticos (1 - 7) e cerâmicos (8 - 9) da Fraga d'Aia (desenhos de M. J. Sanches).

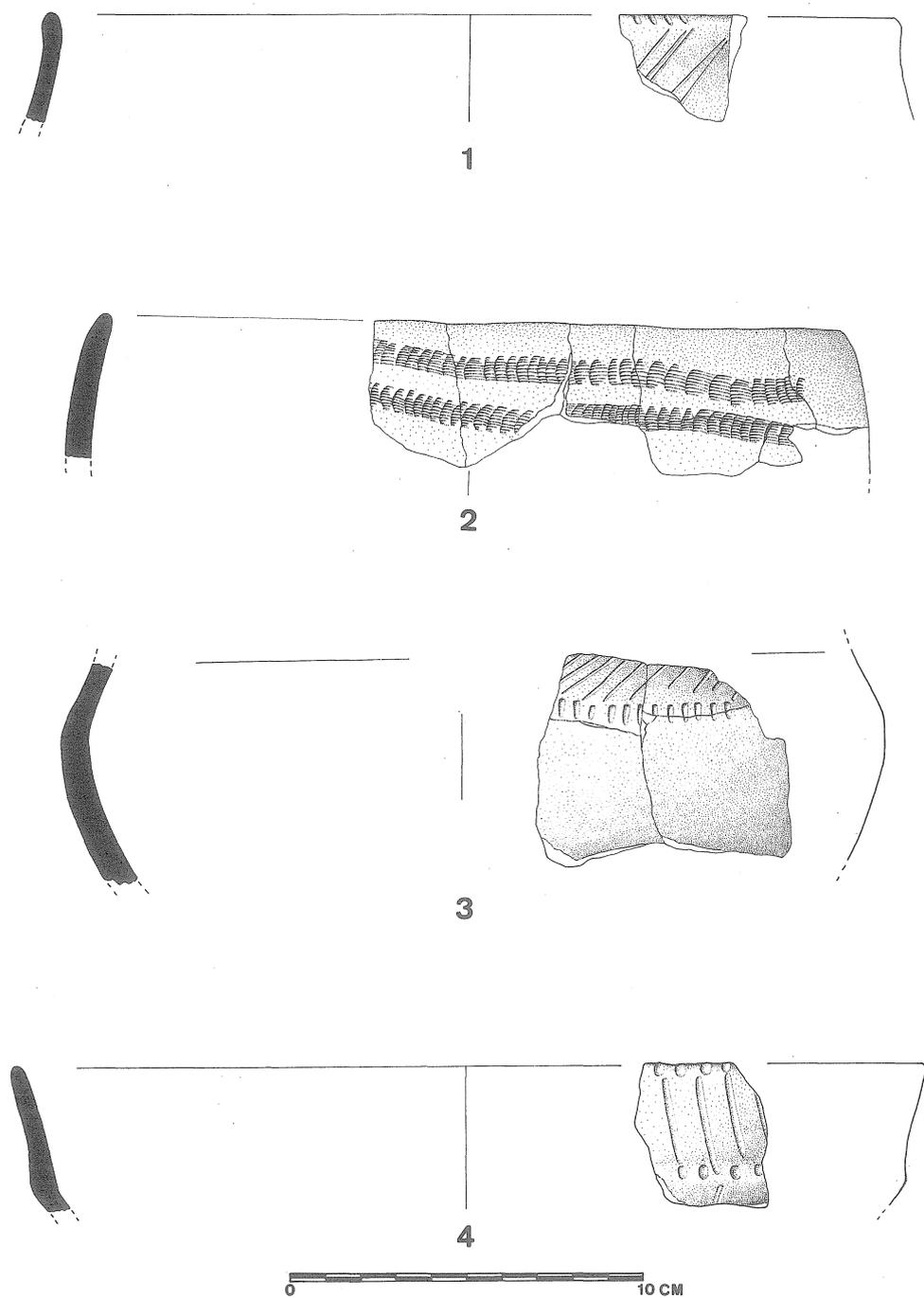


Fig. 3 — Vasos cerâmicos decorados da Fraga d'Aia (desenhos de M. J. Sanches).

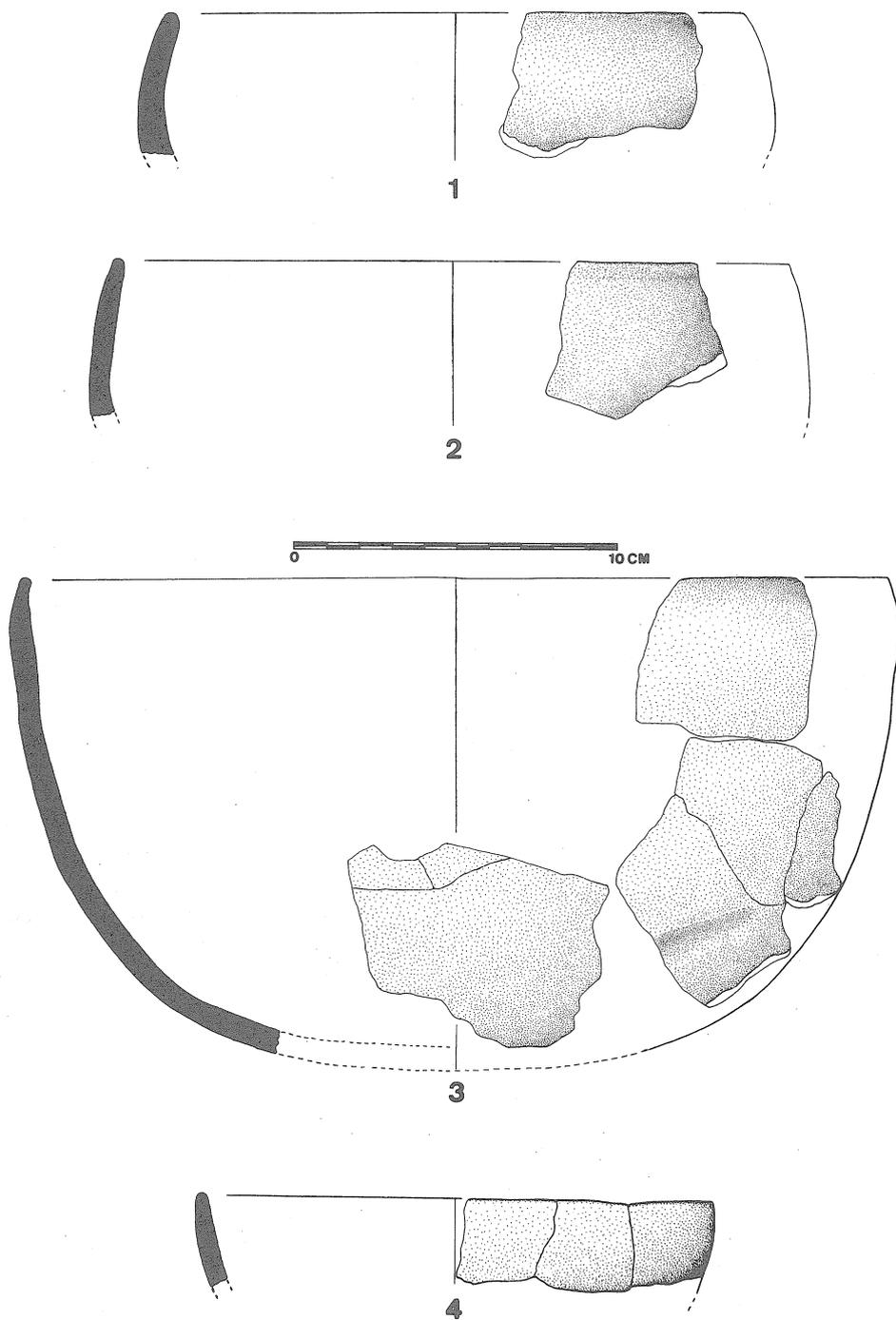


Fig. 4 — Vasos cerâmicos lisos da Fraga d'Aia (desenhos de M. J. Sanches).

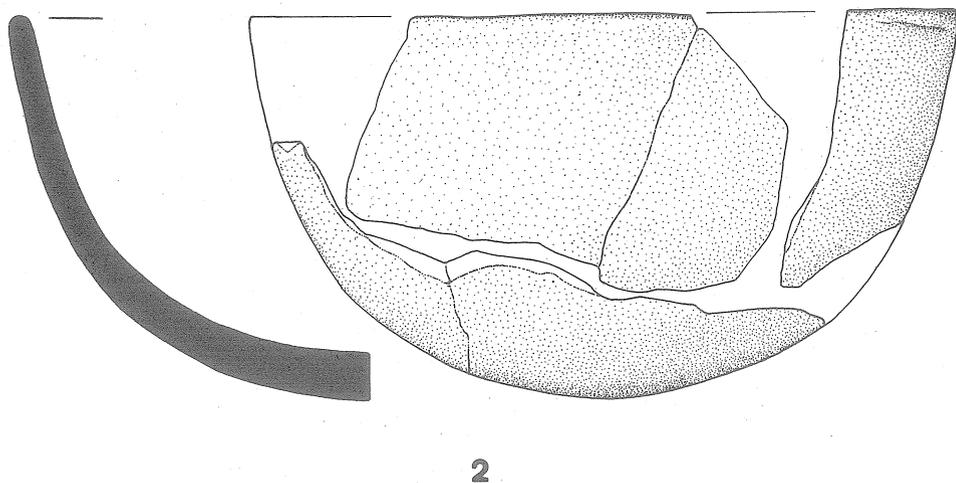
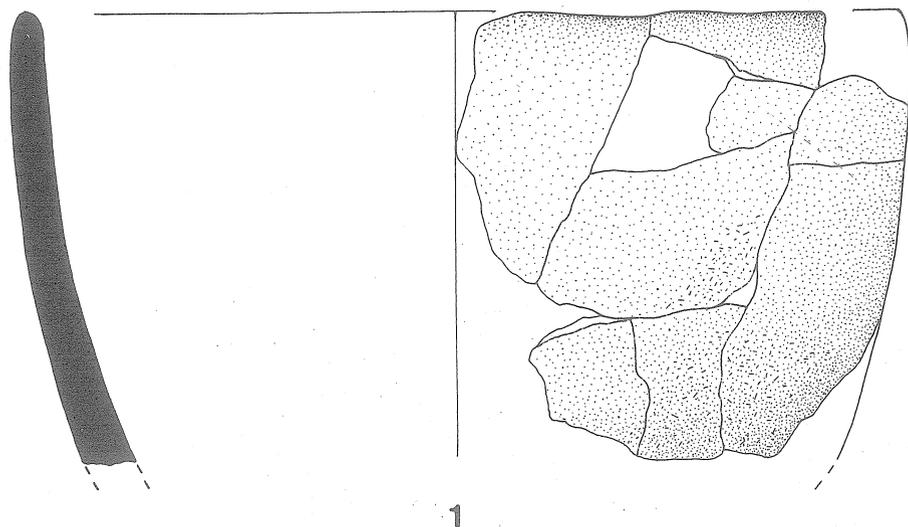


Fig. 5 — Vasos cerâmicos lisos da Fraga d'Aia (desenhos de M. J. Sanches).

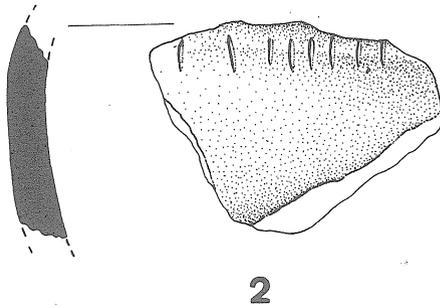
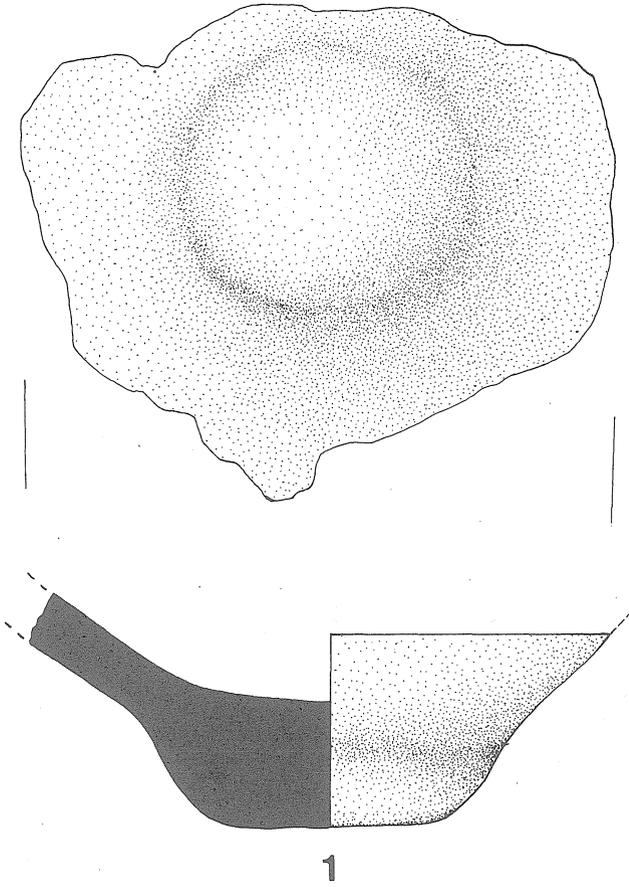


Fig. 6 — Fragmentos de vasos cerâmicos da Fraga d'Aia (desenhos de M. J. Sanches).

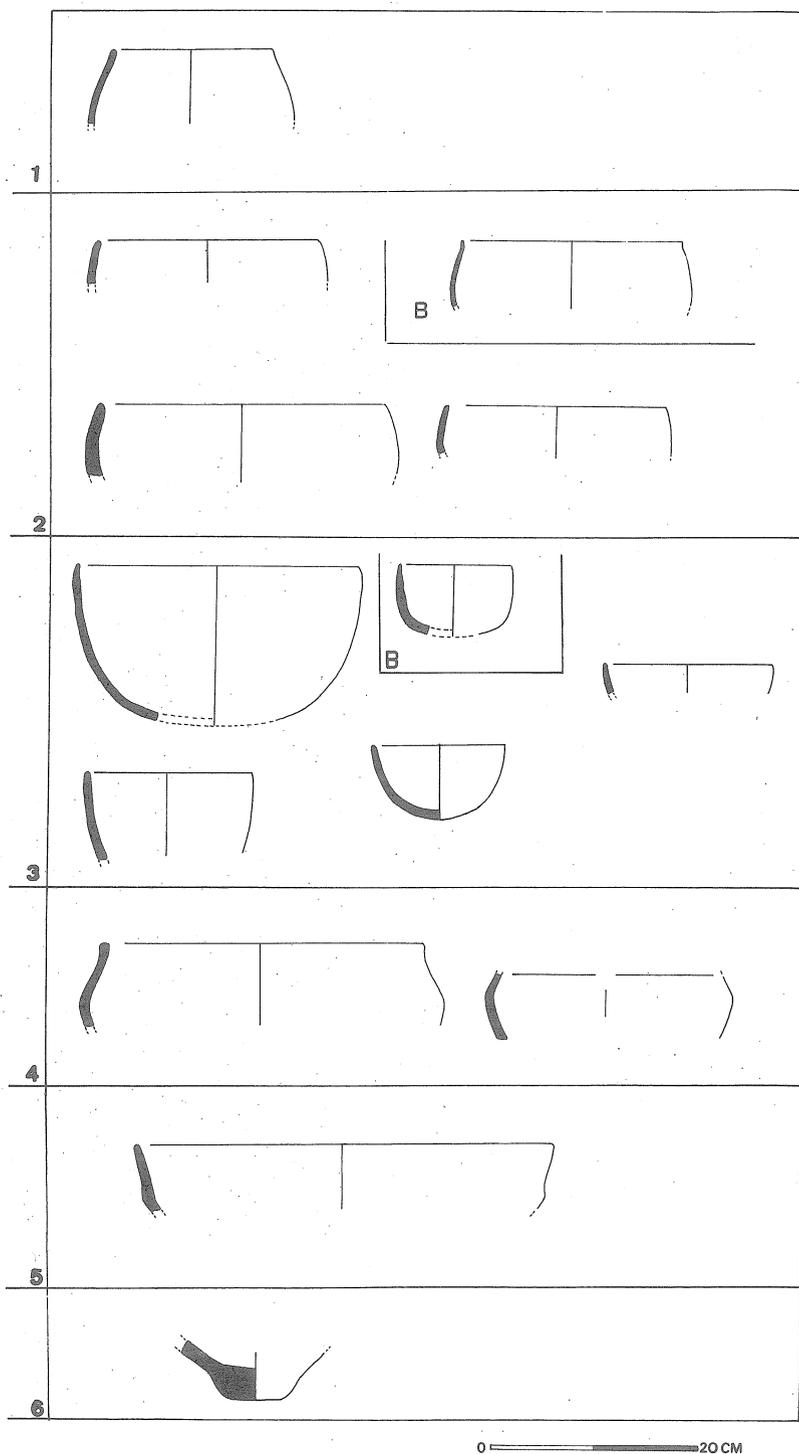


Fig. 7 — Quadro de formas cerâmicas da Fraga d'Aia (M. J. Sanches).

APÊNDICE 1

MATERIAL ÓSSEO PROVENIENTE DE FRAGA D'AIA

por

Miguel Telles Antunes *

Embalagem 1

Nº ordem: 130. Localização: C1. C.2a.

Pequeno fragmento ósseo (dimensão máxima 11mm.), relativamente espesso (2 a 3 mm.), mostrando uma porção da superfície interna; a face externa ostenta uma crista acentuada. Osso esbranquiçado, limitado por fracturas sub-paralelas, provavelmente provocadas intencionalmente. A atribuição a certo tipo de osso e, conseqüentemente, a qualquer espécie, é problemática. Trata-se de mamífero de porte médio, aparentemente menor que *Bos* ou *Equus*, porém maior que os Leporídeos. Pelo tipo de fracturas e o aspecto lembrando peça submetida a fogo, pode tratar-se de resto de alimentação humana.

Embalagem 2

Nº ordem: 296. Localização: F4. C.3.

Pequeno fragmento ósseo, de aspecto esbranquiçado como o precedente. Superfície interna e externa curvas. Dimensões máx. 11 x 12mm., espessura 2,5 a 3mm. aproximadamente. Não parece determinável.

Embalagem 3

Nº ordem: 354. Localização: D 4. Contacto C. 1 e C. 2b.

Três pequenos fragmentos ósseos, dois com vestígios de terra castanha, delimitados por fracturas. Um, tem sulcos na superfície externa (semelhantes ao nº 296), podendo, talvez, representar marcas de corte ou descarnação. Nada sugere dentadas de carnívoros. Parecem restos modificados pelo homem. Não parecem determináveis. Dimensões máx. 18; 18; 13,5mm.

Embalagem 4

Nº ordem: 549. Localização: D 3. C. 2b. (base da camada).

Fragmento ósseo com dimensões máximas 12,5 x 13mm., aparentemente compatível

* Universidade Nova de Lisboa. Centro de Estratigrafia e Paleobiologia.

pelo tamanho, aspecto e espessura com os precedentes. Não foi possível a determinação.

Embalagem 5

Nº ordem: 550. Localização: D 3. C. 3.

Fragmento de osso (aproximadamente 14 x 14 mm., por 2 de espessura); observa-se uma sutura, mas os outros limites são de fractura. Ainda que com reserva, parece tratar-se da porção proximal de um osso nasal direito, de aspecto semelhante, esbranquiçado, e tamanho e espessura compatíveis com os outros fragmentos. As características observáveis parecem apontar para *Capra* ou *Ovis*.

Embalagem 6

Nº de ordem: 554. Localização: D 3. C. 2b.

Três fragmentos ainda menores, indetermináveis.

Em conclusão:

1. O material é escasso e fragmentário, não se prestando a determinação rigorosa.
2. A extrema fragmentação juntamente com a falta de indícios de modificação por carnívoros e com o aspecto das fracturas (e a sua regularidade) indicam trabalho humano.
3. A fragilidade parece sugerir, tal como o aspecto esbranquiçado, ossos submetidos a fogo (o que comprovaria serem restos de alimentação humana). Porém, não se observa formação de turquesa, o que exclui aquecimento prolongado a temperatura relativamente elevada.
4. Em dois casos, a superfície externa ostenta sulcos sugerindo marcas de corte / descarnação, o que condiz com 2. e 3.
5. Apenas 1 espécime sugere cabra ou carneiro, mas é problemático tentar ir mais longe.

Monte da Caparica, 19 de Dezembro de 1988.